

IMAGENS FEITAS POR **WILLY RIZZO** NO RIO DOS ANOS 60 GANHAM EXPOSIÇÃO EM PARIS

TODO CARNAVAL TEM SEU FIM

MELINA DALBONI
melina.dalboni@oglobo.com.br

Foi nos salões cariocas frequentados pelo playboy dominicano Porfirio Rubirosa que o fotógrafo italiano Willy Rizzo (1928-2013) conheceu o carnaval carioca. E se apaixonou. Corria o ano de 1959, e esta foi apenas a primeira de uma dezena de viagens feitas por este grande nome da fotografia de moda do Brasil, país pelo qual Rizzo não apenas se encantou, mas para o qual mirou suas lentes.

Os dois jet-setters e melhores amigos se esbaldaram pelo Rio acompanhados por suas mulheres: a modelo francesa Odile Rodin, que foi apresentada a Rubirosa em 1956 pelo fotógrafo, e a também modelo e atriz italiana Elsa Martinelli, segunda mulher de Rizzo.

— Eles pularam e amaram o carnaval. Rizzo me contou que Odile até se perdeu e só foi achada dois dias depois com foliões — lembra Danniell Rangel, curador da mostra “Rio de Janeiro par Rizzo”, em cartaz no Studio Willy Rizzo (12, Rue de Verneuil), em Paris, até o dia 1º de novembro.

O impacto daquele carnaval de 1959 sobre o fotógrafo italiano foi tamanho que, já no ano seguinte, ele voltou à cidade para registrar tudo o que viu na festa carioca para uma reportagem da “Paris Match”, revista para a qual trabalhava, além de fazer ensaios de moda para a “Marie Claire” e a “Vogue” francesas, estrelados por Elsa.

Willy fotografou o carnaval de rua, as crianças fantasiadas, os foliões se deslocando de bonde, os grupos de mulheres que saíam com fantasias iguais, os concursos no Copacabana Palace e os concorridos bailes do Teatro Municipal.

Como eram amigos de Jorginho Guinle, os dois casais foram convidados para serem jurados do concurso de fantasias do Copa. Willy não só aceitou, como se divertiu e registrou os companheiros de júri: Norma Bengell, Eva Wilma, Adalgisa Colombo e Régine, a rainha da noite. Elsa, que tinha acabado de filmar “Hatari!” com John Wayne, empolgou-se e foi fantasiada de baiana estilizada.

FOTOS DE MODA NO CALÇADÃO

Neste circuito carnavalesco, o folião-fotógrafo se encontrava com seu “grupinho”, como ele mesmo chamava os amigos brasileiros mais chegados. Eram eles: Danuza Leão, Vera Barreto Leite, Tony e Carmen Mayrink Veiga, Adolpho Bloch e Mimi Ouro Preto — além dos inseparáveis Rubirosa e Guinle.

— A relação de Rizzo com o Brasil sempre foi muito próxima. Ele era grande amigo de Jorginho Guinle, com quem se encontrava muito em Paris e Hollywood. O Brasil era como uma segunda casa para o fotógrafo, ao lado de Los Angeles — avalia Danniell, que ficou amigo de Willy no início dos anos 2000. — Se eu fosse escolher uma frase para definir a relação de Rizzo com o Rio, citaria duas coisas que ele sempre falava: “Oba!” e “Queria um cafezinho, por favor”.

A exposição com as imagens clicadas pelo fotógrafo italiano no Rio reúne não apenas fotos dos desfiles na Rio Branco, dos bailes, do Rei Momo e dos concursos de fantasias, mas também ensaios de moda estrelados por Elsa Martinelli, com vestido Pucci em meio aos frequentadores da praia e nos calçadões de Niemeyer.

As 40 imagens que compõem a mostra abordam o período entre 1959 e 1965. Boa parte delas são inéditas e revelam o estilo de vida carioca, além da relação da cidade com o carnaval.

— Estas imagens revelam o retrato de uma época feito por um fotógrafo italiano que circulava pelo jet-set internacional — opina Danniell. — Ele registrou o Rio na sua essência: a alegria, a moda, a arquitetura modernista e todas as suas curvas sensuais, fossem elas no Pão de Açúcar ou nas ondas preto e brancas do Calçadão de Copacabana.

Além de fotógrafo, Willy era também designer de móveis. E esta outra vertente também está presente na exposição, com poltronas Club, desenhadas por ele, estofadas nas cores da bandeira brasileira. ●



BAILE DO concorrido baile do Teatro Municipal, em 1959: orquestra, fantasias e fotógrafos de terno fazendo a cobertura



O JÚRI do concurso de fantasia do Copacabana Palace: Norma Bengell, Willy Rizzo, Elsa Martinelli e Eva Wilma



MULHERES com fantasias iguais em bloco no Centro do Rio, em 1959



ADALGISA Colombo, Porfirio Rubirosa e Régine no júri do Copa



FOLIÕES NO bonde, no carnaval de 1961

Rio por Willy Rizzo

O fotógrafo italiano descreveu num texto, publicado em 1964, o que viu nas ruas e nos salões cariocas durante os carnavais que pulou na cidade nos anos 60: “No Rio, é verão e faz tanto calor quanto em agosto, em Paris. Os 20 mil turistas estrangeiros podem testemunhar na realidade três carnavais: o das escolas, o dos bailes e o das ruas. Este último dura quatro dias, e é o dos pobres: qualquer pluma e um pouco de maquiagem são suficientes para a fantasia. E os mais pobres ainda se contentam com um simples maiô de banho. Nos bailes, a organização é mais rigorosa. A moralidade esteve mais protegida que nunca este ano: o lança-perfume, um vaporizador de éter utilizado em princípio para se refrescar, mas que, na verdade, era para se “estimular”, foi proibido. Porém, o carnaval mais puro e mais espetacular é o das escolas de samba.”

